

O DEBATE ENTRE TARDE E DURKHEIM

EDUARDO VIANA VARGAS
BRUNO LATOUR
BRUNO KARSENTI
FRÉDÉRIQUE AÏT-TOUATI
LOUISE SALMON

RESUMO

Um debate capital sobre a natureza da sociologia e suas relações com outras ciências opondo Gabriel Tarde e Émile Durkheim ocorreu em 1903 na *École des Hautes Études Sociales*. Infelizmente o único registro disponível do evento é uma breve apresentação em francês intitulada “La Sociologie et les sciences sociales [confrontation avec Tarde]” (Tarde 1903; Durkheim 1903). A atual apresentação do debate é baseada em um roteiro composto de citações de trabalhos publicados por Gabriel Tarde e Émile Durkheim, organizados de modo a formar um diálogo. Todo o texto, salvo o que se encontra entre colchetes, é composto por citações de trabalhos publicados por Gabriel Tarde e Émile Durkheim.

PALAVRAS - CHAVE

Gabriel Tarde, Émile Durkheim, sociologia, teoria social, controvérsia.

“Você se lembra da discussão que aconteceu na *École des Hautes Etudes Sociales* entre Durkheim e meu pai? Antes que eles houvessem dito uma palavra, pela fisionomia deles, seus olhares, seus gestos, adivinhava-se o que separava estes dois homens, e adivinhava-se que uma tal discussão seria uma loucura.”

PAULAN, Jean ; TARDE, Guillaume de. 1980. *Correspondance Jean Paulhan Guillaume de Tarde 1904-1920*. Paris: Gallimard, p. 20.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Um debate capital sobre a natureza da sociologia e suas relações com outras ciências opondo Gabriel Tarde e Émile Durkheim ocorreu em 1903 na *École des Hautes Études Sociales*. Infelizmente o único registro disponível do evento é uma breve apresentação em francês intitulada “La Sociologie et les sciences sociales [confrontation avec Tarde]” (Tarde 1903; Durkheim 1903).

A atual apresentação do debate é baseada em um roteiro composto de citações de trabalhos publicados por Gabriel Tarde e Émile Durkheim, organizados de modo a formar um diálogo. Todo o texto, salvo o que se encontra entre colchetes, é composto por citações de trabalhos publicados por Durkheim e Tarde. Uma versão curta do texto foi encenada por Bruno Latour (Gabriel Tarde) e Bruno Karsenti (Émile Durkheim) por três vezes, uma primeira em 21 de junho de 2007 em Cerisy la Salle, França, durante o Colóquio *Empirical Metaphysics*; uma segunda em 14 de março de 2008 no teatro McCrum do Corpus Christi College, Cambridge, Reino Unido, no quadro da Conferência *Tarde/Durkheim: trajectoires of the social*; e uma terceira enfim em Paris, em 14 de março de 2008, cuja versão filmada por Martin Pavlov encontra-se disponível na página virtual de Bruno Latour. Frédérique Aït-Touati dirigiu todas as apresentações, Eduardo Vargas foi responsável pela pesquisa e escolha dos textos e Louise Salmon realizou a pesquisa complementar. Louise Salmon, Simon Shaffer e Dominique Reynié interpretaram o Decano respectivamente na primeira, na segunda e na terceira apresentação.

Esta versão do debate foi preparada originalmente em francês. Ela foi publicada em inglês em 2008 na revista *Environment and Planning D: society and space*, 26(5), pp. 761-777, sob o título de “The debate between Tarde and Durkheim”¹. A presente tradução foi realizada a partir dos textos originais em francês listados nas referências bibliográficas, salvo quando eles já haviam sido traduzidos para o português, caso em que se optou por usar as traduções existentes também indicadas nas referências bibliográficas, ainda que estas tenham sido ocasionalmente modificadas. A paginação indicada nas citações refere-se às edições francesas utilizadas.

¹ A Revista Teoria & Sociedade agradece aos editores de *Environment and Planning D: society and space* pela autorização para publicação desta tradução. [Nota do Organizador]

DECANO, SR. ALFRED CROISSET:

[“Senhoras, senhores,

Em nome de seus diretores, Emile Boutroux e Emile Duclaux, e de sua secretária geral, Dick May, eu estou feliz de vos acolher na École des Hautes Études Sociales, aqui no número 16 da Rue de la Sorbonne.

Instituto de ensino das ciências sociais fundado há três anos, em novembro de 1900, a École des Hautes Études Sociales pretende estudar, em sua extrema complexidade, o conjunto de questões mais nítida e diretamente sociais. Sem ser hostil à teoria, ela está preocupada, antes de tudo, com o concreto e o investimento em questões de atualidade.

Em julho passado, o X Congresso Internacional de Sociologia foi consagrado às “Relações entre a psicologia e a sociologia”. E é em continuidade com o tema de reflexão desse Congresso que nós decidimos consagrar uma série de conferências às “Relações entre a sociologia e as diferentes ciências sociais e as disciplinas auxiliares” no quadro do curso de Sociologia da École Sociale do ano escolar de 1903-1904.

Jovem disciplina, a sociologia tem um impacto decisivo na apreensão das questões sociais atuais. Dois eminentes confrades a representam hoje aqui. Eles pretendem defini-la e demonstrar sua especificidade expondo os métodos que eles estimam serem próprios a essa disciplina, no quadro de uma discussão contraditória.

É, então, enquanto presidente do conselho de direção e presidente do comitê de ensino da escola de moral e de pedagogia, que eu tenho a honra de vos apresentar: à minha direita, o Sr. Gabriel Tarde, professor da cátedra de Filosofia moderna do Collège de France, membro da Academia de Ciências Morais e Políticas desde 1901, mas também membro do Conselho de Direção e do Comitê de Ensino da Escola de Moral e Pedagogia de nossa École, autor das famosas *Leis da Imitação* e da obra *A Psicologia Econômica*, recentemente publicada.

À minha esquerda, o Sr. Émile Durkheim, suplente da Cátedra de Ciências da Educação na Faculdade de Letras da Universidade de Paris desde 1902, autor das notáveis *Regras do método sociológico* e fundador do *Année sociologique*, revista que recenseia as produções sociológicas internacionais do ano.

Senhores, eu vos passo a palavra começando pelo mais jovem. Sr. Durkheim, sua vez de definir primeiro sua concepção da sociologia em suas relações com as outras ciências.]

DURKHEIM:

Há algum tempo a sociologia está na moda. A palavra, pouco conhecida e quase re-

jeitada há uns dez anos, é hoje de uso corrente. As vocações se multiplicam e há por parte do público como que um preconceito favorável à nova ciência. Espera-se muito dela. No entanto, devemos admitir que os resultados obtidos não correspondem exatamente ao número de trabalhos publicados nem ao interesse em acompanhá-los [...]. É que, no mais das vezes, ela não se coloca problemas determinados. A sociologia não ultrapassou a era das construções e das sínteses filosóficas. Em vez de assumir a tarefa de lançar luz sobre uma parcela restrita do campo social ela prefere buscar as brilhantes generalidades em que todas as questões são levantadas sem que nenhuma seja expressamente tratada. Esse método permite enganar um pouco a curiosidade do público, dando-lhe, como se diz, noções sobre todos os tipos de assuntos, mas não pode chegar a nada de objetivo. [...] Uma ciência tão recente tem o direito de errar e de tatear, contanto que tome consciência dos seus erros para evitar que se repitam. A sociologia, portanto, não deve renunciar a nenhuma de suas ambições; por outro lado, se deseja responder às esperanças que se colocaram nela, deve aspirar a se tornar algo mais do que uma forma original da literatura filosófica. Que o sociólogo, em vez de se comprazer em meditações metafísicas a propósito das coisas sociais, tome como objetos de suas pesquisas grupos de fatos nitidamente circunscritos, que possam, de certo modo, ser apontados com o dedo, dos quais se possam dizer onde começam e onde terminam, e atenha-se firmemente a eles! Que ele tenha o cuidado de interrogar as disciplinas auxiliares – história, etnografia, estatística –, sem as quais a sociologia nada pode fazer! [...] Se o sociólogo proceder desse modo, mesmo que seus inventários de fatos sejam incompletos e suas fórmulas muito restritas, ele pelo menos terá feito um trabalho útil a que o futuro dará continuidade. (Durkheim 1897a: 1-3)

DECANO :

[Sr. Tarde, sua vez de precisar o objeto da sociologia em suas relações com as outras ciências.]

TARDE

É natural que uma ciência nascente se apoie em ciências já constituídas, a sociologia, por exemplo, na biologia. Também é natural que uma ciência em vias de crescimento busque voar com suas próprias asas e se constituir como um domínio à parte. A sociologia em desenvolvimento está atualmente nesta situação, ela busca se constituir *por si e para si*. Trata-se de uma espé-

cie de egoísmo, de individualismo científico, útil em certa medida como todo egoísmo animal ou humano, mas prejudicial ao próprio indivíduo além de um nível pretendido. [...] Sabe-se da esterilidade destas pretensões que desconhecem a solidariedade das diversas ciências e, conseqüentemente, a unidade profunda da realidade universal. Tememos para a sociologia o mesmo dispêndio de esforços em vão; e creio perceber aqui e ali sintomas de um tal extravio que poderia ser desastroso. Tratemos de preveni-lo: busquemos com toda precisão desejável, mas sem pretender para a ciência que nos é cara uma autonomia absoluta, os limites do campo que ela é chamada a esclarecer. [...] Qual é, ou melhor, quais são os fatos sociais, os atos sociais elementares, e qual é sua característica distintiva? [...] O fato social elementar é a comunicação ou a modificação de um estado de consciência pela ação de um ser consciente sobre outro. [...] Nem tudo o que fazem os membros de uma sociedade é sociológico. [...] Respirar, digerir, bater as pálpebras, sacudir as pernas mecanicamente, olhar distraidamente uma paisagem ou lançar um grito inarticulado, estes são atos que não têm nada de social. [...] Mas falar com alguém, orar por um ídolo, esfaquear um inimigo, esculpir uma pedra, estes são atos sociais, pois apenas o homem em sociedade age desta maneira e, sem o exemplo de outros homens que ele copiou voluntariamente ou involuntariamente desde o berço, ele não agiria assim. A característica comum dos atos sociais, com efeito, é de serem imitativos. [...] Eis portanto uma característica bem nítida e, além disso, objetiva. [...] E eu me espanto que tenham me repreendido de me vincular aqui ao fato exteriormente apreensível sem considerar sua fonte interna, e que esta repreensão me tenha sido endereçada – por quem? Por [meu distinto colega] o Sr. Durkheim, que precisamente professa a necessidade de fundar a sociologia sobre considerações puramente objetivas e de, por assim dizer, exorcizar esta ciência expulsando para fora dela a psicologia que seria, parece-lhe, não sua alma como acreditaram até aqui todos os seus fundadores, de Augusto Comte a Spencer, mas, ao contrário, seu mau gênio. (Tarde 1895a: 63-66)⁴

DECANO :

[Eis, creio, o desacordo claramente articulado: Sr. Durkheim, gostaria de precisar seu pensamento?]

DURKHEIM :

O Sr. Tarde pretende que a sociologia chegará a tais ou tais resultados; mas nós

não podemos dizer o que é o fato social elementar no estado atual de nossos conhecimentos. Nós ignoramos demasiadas coisas e, nestas condições, a construção do fato social elementar só pode ser arbitrária. (Durkheim 1903: 164)

TARDE :

Para formular leis, não é necessário que as ciências estejam definitivamente constituídas. É preciso uma idéia diretiva nas pesquisas. Ora, as ciências sociais não deveram seu progresso a certas regras de método objetivas, mas realizaram-no desenvolvendo-se no sentido [...] desta microscopia social que é a psicologia intermental. (Tarde 1903: 164)

DURKHEIM :

O que quer que valha esta psicologia intermental, é inadmissível que ela exerça uma espécie de ação diretiva sobre as disciplinas especiais das quais ela deve ser o produto (Durkheim 1903: 164). Uma explicação puramente psicológica dos fatos sociais deixa escapar o que eles têm de específico, isto é, de social. [...] Há entre a psicologia e a sociologia a mesma solução de continuidade que existe entre a biologia e as ciências físico-químicas. Conseqüentemente, todas as vezes que um fenômeno social é diretamente explicado por um fenômeno psíquico, podemos estar seguros de que a explicação é falsa. (Durkheim 1894: 103, 106)

TARDE :

Entretanto a importância da repetição – [entendam] sempre da imitação – não deixa de [se] fazer sentir ao [Sr. Durkheim], mesmo que sem seu conhecimento. Para provar a separação radical, a absoluta dualidade de natureza que ele pretende estabelecer entre o fato coletivo e os fatos individuais que, segundo eu, o constituem, mas, segundo ele, o refratam de fora, não se sabe como, ele escreve [eu vos cito:] “Algumas destas maneiras de agir e de pensar adquirem, *em conseqüência da repetição*, uma espécie de consistência que, por assim dizer, as precipitam e as isolam dos acontecimentos particulares onde elas se encarnam um dia”. [...] E o que o demonstra – escutem bem isto – é que o *hábito coletivo*, um costume qualquer, [eu cito novamente,] “se exprime de uma vez por

todas em uma fórmula *que se repete de boca em boca, que se transmite pela educação, que se fixa mesmo por escrito*” [fim de citação]. Sem a preocupação que o cega [meu contraditor] veria, o que salta aos olhos, que ele acaba de fornecer uma nova comprovação involuntária do caráter eminentemente social, ou melhor, *socializante* da repetição imitativa. [...] O Sr. Durkheim parece gravitar em direção a alguma teoria da emanção. Para ele, eu repito, os fatos individuais que nós chamamos sociais não são os elementos do fato social, mas sua manifestação. Quanto ao fato social, ele é o modelo superior, a Idéia platônica, o modelo... tanto é verdadeiro que a idéia de imitação em matéria social se impõe a seus maiores adversários. Mas passemos... (Tarde 1895b: 67-69)

DURKHEIM:

É preciso [...] tomar os termos rigorosamente. As tendências coletivas têm uma existência que lhes é própria; são forças tão reais quanto as forças cósmicas, embora sejam de outra natureza; também agem de fora sobre o indivíduo, embora por outros meios. O que permite afirmar que a realidade das primeiras não é inferior à das segundas é o fato de ela se provar da mesma maneira, ou seja, pela constância de seus efeitos. [...] Por conseguinte, uma vez que atos morais [...] se reproduzem com uma [grande] uniformidade [...], devemos também admitir que eles dependem de forças exteriores aos indivíduos. Apenas, como essas forças só podem ser morais e além do homem individual não há no mundo outro ser moral que não a sociedade, elas são necessariamente sociais. Mas, seja qual for o nome que se lhes dê, o que importa é reconhecer sua realidade e concebê-las como um conjunto de energias que nos determinam a agir de fora, tal como fazem as energias físico-químicas cuja ação nós sofremos. Tanto elas são coisas *sui generis*, e não entidades verbais, que podemos medi-las, comparar sua grandeza relativa, como fazemos com a intensidade de correntes elétricas ou de fogos luminosos. [...] Sem dúvida, ela se choca com o senso comum. Mas todas as vezes que veio revelar aos homens a existência de uma força ignorada, a ciência deu de encontro com a incredulidade. Quando é preciso modificar o sistema de idéias recebidas para dar lugar à nova ordem de coisas e construir conceitos novos, os espíritos resistem indolentemente. No entanto, é preciso entender-se. Se a sociologia existe, ela só pode ser o estudo de um mundo ainda desconhecido, diferente dos que as outras ciências exploram. Ora, esse mundo não é nada senão um sistema de realidades. (Durkheim 1897b: 348-349)

TARDE :

À primeira vista não se compreende; mas quando se é iniciado à doutrina do autor, eis o que isto significa: não é o montante de generalização ou de propagação imitativa de um fato que constitui seu caráter mais ou menos social; é o seu montante de *coercitividade* – Segundo [meu contraditor], com efeito, pois nós só reconhecemos até aqui uma metade de seu pensamento, a definição do fato social é dupla. Uma de suas características, nós o sabemos, é que [eu vos cito novamente, ele] “existe independentemente de suas expressões individuais”. Mas há uma outra característica não menos essencial, é a de serem coercitivos. (Tarde 1895a: 70)

DECANO :

[Vocês estão então todos os dois claramente em desacordo sobre a questão de saber como convém tornar autônomos os fatos especiais de que se ocupa a sociologia, mas também sobre a questão de sua exterioridade e, em suma, da força com a qual este mundo se impõe a nós.]

DURKHEIM :

[É preciso] representar o domínio da sociologia de uma maneira precisa. Ele compreende apenas um grupo determinado de fenômenos. Um fato social é reconhecido pelo poder de coerção externa que ele exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos; e a presença deste poder é reconhecida, por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a toda iniciativa individual que tende a lhe violentar. Entretanto, pode-se defini-lo também [eu vos concedo] pela difusão que ele apresenta no interior do grupo, desde que, conforme as observações precedentes, se tenha o cuidado de acrescentar como segunda e essencial característica que ele existe independentemente das formas individuais que ele assume ao se difundir (Durkheim 1894: 11). Além disso, esta segunda definição não é mais do que uma forma da primeira; pois se uma maneira de se conduzir, que existe exteriormente às consciências individuais, se generaliza, isso só ocorre porque ela se impõe (Durkheim 1894: 12). Eis o que são os fenômenos sociais, desembaraçados de todo elemento estrangeiro. Quanto às suas manifestações privadas, elas têm efetivamente algo de social, pois elas reproduzem em parte um modelo coletivo; mas cada uma delas depende também, e por uma larga parte, da

constituição orgânico-psíquica do indivíduo e das circunstâncias particulares nas quais ele está situado. Elas não são, por conseguinte, fenômenos completamente sociológicos. Elas pertencem ao mesmo tempo aos dois reinos; poder-se-ia chamá-las de sócio-psíquicas, [caso você assim prefira]. (Durkheim 1894: 10)

TARDE :

Deste ponto de vista, não haveria nada mais social do que a relação estabelecida entre vencedores e vencidos pela tomada de assalto de uma fortaleza ou pela redução à escravidão de uma nação conquistada, nem menos social do que a conversão espontânea de todo um povo a uma nova religião ou a uma nova fé política apregoada por apóstolos entusiastas! Para mim o erro aqui é tão palpável que devemos nos perguntar como ele pôde nascer e se enraizar em uma inteligência desta força. [O Sr. Durkheim] nos diz: [...] dado que o fato social é essencialmente exterior ao indivíduo, “ele só pode entrar no indivíduo impondo-se”. Eu efetivamente não vejo o rigor desta dedução. O alimento também nos é exterior antes de ser absorvido. Quer dizer que a deglutição e a assimilação são constrangimentos exercidos pelo alimento sobre a célula que se apropria dele? Isto não se verifica nem mesmo com as aves que nós engordamos à força nas granjas, e que certamente preferem ser empanturradas que morrer de fome. (Tarde 1895a: 71)

DURKHEIM :

A [...] proposição [do Sr. Tarde] é totalmente arbitrária. [Ele] pode afirmar que, segundo sua impressão pessoal, não há nada de real na sociedade além do que vem do indivíduo, mas faltam provas para apoiar essa afirmação e sua discussão, portanto, é impossível. Seria tão fácil opor a esse sentimento o sentimento contrário de um grande número de indivíduos que se representam a sociedade não como a forma que a natureza individual assume espontaneamente desenvolvendo-se para fora, mas como uma força antagonista que os limita e contra a qual eles se empenham! (Durkheim 1897b: 351)

TARDE :

Segue-se daí que, de acordo [com o Sr.], não é permitido qualificar como sociais os atos do indivíduo onde o fato social se manifesta, por exemplo as palavras de um orador,

manifestação da língua, ou o ajoelhar de um devoto, manifestação da religião. Não, como cada um destes atos depende não somente da natureza do fato social, mas também da constituição mental e vital do agente e do meio físico, estes atos são espécies de híbridos, fatos *sócio-psíquicos* ou *sócio-físicos* com os quais não se deve mais manchar por muito tempo a pureza científica da nova sociologia. (Tarde 1895a: 69-70)

DURKHEIM:

Sem dúvida, esta dissociação [entre o social e o individual] não se apresenta sempre com a mesma nitidez. Mas basta que ela exista de uma maneira incontestável em casos importantes e numerosos [...] para provar que o fato social é distinto de suas repercussões individuais. De resto, mesmo quando ela não é imediatamente dada à observação, pode-se freqüentemente realizá-la com ajuda de certos artifícios de método; é mesmo indispensável proceder a esta operação, caso se queira libertar o fato social de toda mistura para observá-lo no estado de pureza. Assim, há certas correntes de opinião que nos empurram, com uma intensidade desigual segundo os tempos e os países, uma ao casamento, por exemplo, outra ao suicídio ou a uma natalidade mais ou menos forte, etc. Estes são, evidentemente, fatos sociais. À primeira abordagem, parecem inseparáveis das formas que eles tomam nos casos particulares. Mas a estatística nos fornece o meio de isolá-los. (Durkheim 1894: 9)

TARDE:

[Oh!], se [...] contamos com a estatística como fonte de informações essencialmente “objetiva”, nós nos iludimos. Os oráculos desta sibila são freqüentemente ambíguos e exigem interpretação. Em verdade, as estatísticas oficiais funcionam ainda muito imperfeitamente e há muito pouco tempo para fornecer elementos decisivos para o debate que nos ocupa (Tarde 1895b: 154). [Sei-o tão bem Sr. Durkheim porque fui eu quem vos forneceu, atendendo ao vosso pedido, as estatísticas do setor que eu dirigia e que serviram a esta obra sobre o suicídio.]

DURKHEIM:

Conclui-se com toda a evidência que a imitação, pelo fato de poder ocorrer entre indivíduos que não são unidos por nenhum vínculo social, é um fenômeno puramente

psicológico, [como eu mostrei no livro que você mencionou]. (Durkheim 1897b: 107)

DECANO :

[Acredito que nós chegamos a um ponto crucial do debate. Ele concerne à diferença em importância que vocês atribuem à imitação em matéria social. Vocês poderiam elaborar isto de modo mais preciso?]

TARDE :

Precisamente porque ela é o agente socializante, é necessário que ela preexista à sociedade que ela *prepara*. Seguramente, um só ato de imitação de um ser vivo por um outro não é suficiente para torná-los associados – do mesmo modo que um cabelo não constitui uma cabeleira... – mas, *começando a imitar um ser que é susceptível de vos imitar por sua vez* [...], começa-se a estabelecer com ele relações socializantes, as quais se tornarão necessariamente *relações sociais* se os atos de imitação se multiplicam e se centralizam. [...] Para vós, Sr. Durkheim, para que a imitação fosse o fato social essencial, seria necessário que ela não ocorresse a não ser entre seres já associados. Mas se eles estivessem associados antes dela, ela não seria, por conseguinte, o fato social característico. Ela não seria o *agente, a causa socializante*, se ela não preexistisse ao seu efeito. (Tarde 1897: 224; 224n)

DURKHEIM :

Um homem pode imitar o outro sem que sejam solidários um do outro ou de um mesmo grupo do qual dependam igualmente, e a propagação imitativa não tem, por si só, o poder de solidarizá-los. (Durkheim 1897b: 107)

TARDE :

Ela sempre tem este poder – e eu digo que apenas ela tem este poder –, ao menos caso se trate de uma *propagação imitativa de fatos psicológicos*. Pois eu sempre expliquei que, tal como a entendo, a imitação é uma comunicação de *alma a alma*. (Tarde

1897: 224-225)

DURKHEIM:

Um espirro, um movimento convulsivo, um impulso homicida podem se transferir de um sujeito a outro sem que haja entre eles algo além de uma proximidade fortuita e passageira. (Durkheim 1897b: 107)

TARDE:

Mas esta aproximação “fortuita e passageira”, caso se repita, caso se multiplique, torna-se uma verdadeira união social. (Tarde 1897: 225)

DURKHEIM:

Não é necessário que haja entre eles uma comunhão intelectual ou moral, tampouco uma troca de serviços, nem mesmo é necessário que falem a mesma língua, e depois da transferência eles não se encontram mais ligados do que antes. (Durkheim 1897b: 107)

TARDE:

Segue daí que, segundo o autor, o laço social se reconhece pelo fato de que existe uma *comunidade* intelectual ou moral entre os homens, ou ao menos que eles falem *uma mesma língua*... Ora, Sr. Durkheim, me [diga o Sr.] como, se não por meio da difusão e do acúmulo de exemplos, esta comunidade intelectual [...] ou esta comunidade moral [...] poderia ter se estabelecido? E, se não é por transmissão imitativa dos pais aos filhos, e dos contemporâneos entre si, também me [diga o Sr.] como os indivíduos de uma mesma nação encontram-se a falar a mesma língua? (Tarde 1897: 225)

DURKHEIM:

[O] procedimento pelo qual imitamos nossos semelhantes é o mesmo que nos serve para reproduzir os ruídos da natureza, as formas das coisas, os movimentos dos seres. Como ele não tem nada de social no segundo caso, o mesmo ocorre com o primeiro. Ele tem origem em certas propriedades de nossa vida representativa que não resultam de nenhuma influência coletiva. Portanto, se estivesse demonstrado que ele contribui para determinar taxas de suicídios, resultaria que esta última depende diretamente, seja em sua totalidade seja em parte, de causas individuais. (Durkheim 1897b: 107-108)

TARDE:

Eu já respondi [...] a esta objeção superficial dizendo que a imitação de que eu falo é uma comunicação intersíquica. Mas a inanidade da objeção requer que seja apontada com o dedo. (Tarde 1897: 226)

DURKHEIM:

Porém, antes de examinar os fatos, convém fixar o sentido da palavra. Os sociólogos estão tão habituados a empregar os termos sem os definir, ou seja, a não determinar nem circunscrever metodicamente a ordem de coisas de que têm intenção de falar, que ocorre constantemente deixarem uma mesma expressão estender-se, à sua revelia, do conceito que ela tinha ou parecia ter em vista primitivamente a outras noções mais ou menos próximas. Nessas condições, a idéia acaba por se tornar de uma ambiguidade que invalida a discussão. Pois, não tendo contornos definidos, ela pode se transformar quase à vontade conforme as necessidades da causa e impossibilitando a crítica de prever de antemão todos os diversos aspectos que ela é suscetível de assumir. É especialmente o caso do que se chamou de instinto de imitação. (Durkheim 1897b: 108)

TARDE:

Quanto à minha teoria (não a que [o Sr.] desfigura e caricatura, mas a que eu expus em outros lugares), eu a tenho aplicado a todas as ordens de fatos sociais. (Tarde 1897: 232)

DECANO :

[Vocês poderiam, então, esclarecer o significado que atribuem à imitação?]

DURKHEIM :

Essa expressão [imitação] é comumente empregada para designar ao mesmo tempo os três grupos de atos seguintes: [...] uma espécie de nivelamento [...] em virtude do qual todo mundo pensa ou sente em uníssono [...]; [...] maneiras de pensar ou de fazer que são gerais à nossa volta [...]; [e] a macaquice por si mesma. Ora, essas três espécies de fatos são muito diferentes uma das outras. [...] Uma coisa é *sentir em comum*, outra coisa [é] *inclinarse diante da autoridade da opinião*, outra coisa, enfim, [é] *repetir automaticamente o que outros fizeram*. Da primeira ordem de fatos está ausente toda reprodução; na segunda, ela é apenas a conseqüência de operações lógicas, de julgamentos e de raciocínios, implícitos ou formais, que são o elemento essencial do fenômeno; portanto não pode servir para defini-lo. A reprodução só é plena no terceiro caso. [...] Portanto, é exclusivamente aos fatos dessa categoria que deveremos reservar o nome de imitação, se quisermos que ele tenha um significado definido, e diremos: *Há imitação quando um ato tem como antecedente imediato a representação de um ato semelhante, anteriormente realizado por outros, sem que entre essa representação e a execução se intercale nenhuma operação intelectual, explícita ou implícita, sobre as características intrínsecas do ato reproduzido*. (Durkheim 1897b: 108-115)

TARDE :

[Sr. Durkheim, o Sr. entende] imitação em um sentido tão estreito que nos perguntamos como, apesar desta estreiteza, [o Sr. pôde] lhe reconhecer uma papel notável no suicídio (Tarde 1897: 224). [Certamente,] censuram-me aqui e ali por “ter frequentemente chamado de imitação fatos aos quais este nome absolutamente não convém”. Reparo que me surpreende sob a pluma de um filósofo. Com efeito, sempre que o filósofo tem necessidade de uma palavra para exprimir uma nova generalização, só lhe resta a escolha entre duas alternativas: ou bem o neologismo, se não pode fazer de outra maneira, ou bem, o que indiscutivelmente vale muito mais, a extensão do sentido de um antigo vocábulo. Toda a questão consiste em saber se eu estendi abusivamente [...] o significado da palavra imitação. [...] Só se teria o direito de criticar como abusivo o alargamento do

significado da palavra em questão se, ao estendê-lo, eu o tivesse deformado e tornado insignificante. Mas deixei-lhe sempre um sentido muito preciso e característico: o de uma ação à distância de um espírito sobre um outro (Tarde 1890: vii-viii), [...] onde um [...] modifica o outro mentalmente, com ou sem reciprocidade (Tarde 1902: 1-2). A título bem mais justo poderiam me censurar de ter estendido abusivamente o sentido do termo invenção. É certo que eu atribuí este termo a todas as iniciativas individuais, não apenas sem considerar o seu grau de consciência – pois freqüentemente o indivíduo inova à sua revelia, e, para dizer a verdade, o mais imitador dos homens é inovador de algum modo – mas ainda sem reparar absolutamente nada no grau maior ou menor de dificuldade e de mérito da inovação. [...] Pois bem, apesar de tudo eu creio que mesmo aqui tenho razão em submeter a língua comum a uma leve violência qualificando como invenções ou descobertas as inovações mais simples, tanto mais que as mais fáceis não são sempre as menos fecundas, nem as mais difíceis são as menos inúteis. (Tarde 1890: ix)

DURKHEIM:

Se, com efeito, a imitação é, como se disse, uma fonte original e particularmente fecunda de fenômenos sociais, é principalmente quanto ao suicídio que ela deve dar provas de seu poder, pois não há outro fato sobre o qual ela tenha maior domínio. Assim, o suicídio irá nos oferecer um meio de verificar por meio de uma experiência decisiva a realidade da virtude maravilhosa que se atribui à imitação. (Durkheim 1897b: 120)

TARDE:

É isto que eu nego. Por importante que seja o papel da imitação no fenômeno do suicídio (e [o Sr.] mesmo não [pode] negar que *numerosos* suicídios se explicam por ela, apesar da definição manifestamente apertada, extremamente estreita que [o Sr.] lhe dá), a imitação desempenha um papel infinitamente maior na formação e na propagação das línguas, das religiões, das artes... Por conseguinte, eu não posso aceitar como “decisiva”, de maneira alguma, a experiência que [o Sr. pretende] instituir desta maneira. (Tarde 1897: 228)

DURKHEIM:

Se essa influência existe, é sobretudo na distribuição geográfica dos suicídios que ela deve ser perceptível. Devemos ver, em certos casos, a taxa característica de um país ou uma localidade se comunicar, por assim dizer, às localidades vizinhas. Portanto, é o mapa que devemos consultar. Mas é preciso interrogá-lo com método. [...] Para poder afirmar que uma tendência ou uma idéia se propaga por imitação, é preciso vê-la sair dos meios em que nasceu para invadir outros que, por si mesmos, não a suscitariam naturalmente. Pois, conforme mostramos, só há propagação imitativa na medida em que o fato imitado, e só ele, sem o concurso de outros fatores, determina automaticamente os fatos que o reproduzem. [...] Antes de tudo, não pode haver imitação sem um modelo a ser imitado [...]. Apresentadas essas regras, vamos aplicá-las. Os mapas usuais [...] não podem ser suficientes para essa análise. Com efeito, eles não permitem observar os possíveis efeitos da imitação onde estes devem ser mais sensíveis [...]. Construímos então, especialmente para o estudo dessa questão, um mapa [...]. Sua leitura nos ofereceu os resultados mais inesperados. [...] Enfim, o que todos os mapas nos mostram é que o suicídio, longe de se dispor mais ou menos concentricamente em torno de alguns focos, a partir dos quais iria diminuindo gradualmente, apresenta-se, ao contrário, em grandes massas mais ou menos homogêneas (apenas mais ou menos, porém) e desprovidas de qualquer núcleo central. Uma tal configuração, nada tem que revele a influência da imitação. (Durkheim 1897b: 120-128)

TARDE:

Ela também não tem nada que a contradiga. Com efeito, a disposição em círculos concentricamente degradados ocorreria, conforme a teoria da imitação, se o suicídio fosse um fenômeno de origem recente; mas ele é muito antigo; e, do mesmo modo, por todo lugar onde a ação da imitação se acumulou durante muito tempo, produziu-se um *nivelamento*, um *amontoado*, uma *classificação* por assim dizer. E partir daí para negar o caráter imitativo do suicídio é como negar o caráter ondulatório do calor porque a temperatura de um quarto é igual por toda parte ainda que seu aquecimento tenha ocorrido a partir de um aquecedor ou de uma lareira (talvez extinta há um bom tempo). (Tarde 1897: 230)

DECANO :

[Eu não sei ao certo se estamos ou não diante de um caso de imitação, mas se estivermos, o que esta poderia ser?]

DURKHEIM :

Não há [aqui] nem imitadores nem imitados, mas identidade relativa dos efeitos devido a uma identidade relativa das causas. E explica-se facilmente que seja assim se, como tudo que precede o fato já previsto, o suicídio depende essencialmente de certas condições do meio social. Pois este último geralmente mantém a mesma constituição em extensões bastante amplas de território. [...] A prova de que essa explicação é fundada é que vemos a taxa de suicídios modificar-se bruscamente e por completo toda vez que o meio social muda bruscamente. Este nunca estende sua ação para além de seus limites naturais. (Durkheim 1897b: 129)

TARDE :

O que há de vago é o apelo ao *meio social*, à *taxa social*, ao *estado coletivo*, às *condições de existência*, a todas as entidades, a todas as nebulosas não resolvidas que têm servido aos que fazem ontologia da ciência social desde que se começou a raciocinar sobre ela. (Tarde 1897: 231)

DURKHEIM :

Em resumo, embora seja certo que o suicídio é contagioso de indivíduo para indivíduo, nunca se vê a imitação propagá-lo de tal maneira que afete a taxa social de suicídios. Ela pode dar origem a casos individuais mais ou menos numerosos, mas não contribui para determinar a desigualdade da propensão que leva ao suicídio as diferentes sociedades e, no interior de cada sociedade, os grupos sociais mais particulares. (Durkheim 1897b: 134)

TARDE :

Ainda aqui, esta alucinação do *social* distinto e *separado* do *individual*. O que é esta taxa social dos suicídios que não afeta nem um pouco o *número maior ou menor de suicídios individuais*? [Eu respondo:] a taxa social, o *meio* social, o estado *coletivo*, etc., [são] tantas divindades nebulosas que tiram [o Sr. Durkheim] do aperto quando [o Sr. está] embaraçado. [O Sr.] não quer que eu as resolva em fatos individuais contagiosos e [o Sr.] tem razão, pois dissipado o mistério, o prestígio tomba, e toda esta fantasmagoria de palavras cessa de impressionar o leitor. (Tarde 1897: 231)

DURKHEIM :

Mas há uma razão mais geral que explica por que os efeitos da imitação não são identificáveis através dos números estatísticos. É que, reduzida apenas às suas forças, a imitação não pode ter nenhuma influência sobre o suicídio. [O capítulo do *Suicídio* que eu dediquei à imitação] mostra principalmente o quanto é pouco fundada a teoria que considera a imitação a fonte iminente de toda vida coletiva. Não há fato tão facilmente transmissível por contágio quanto o suicídio, e no entanto acabamos de ver que essa contagiosidade não produz efeitos sociais. Se, nesse caso, a imitação é tão desprovida de influência social, não o poderia ser menos nos outros; as virtudes que lhe são atribuídas são portanto imaginárias. [...] Pois nunca se mostrou, a propósito de uma ordem definida de fatos sociais, que a imitação pudesse explicá-los e, menos ainda, que pudesse explicá-los sozinha. A proposição foi apenas enunciada sob forma de aforismo, apoiada em considerações vagamente metafísicas. No entanto a sociologia só poderá pretender ser considerada uma ciência quando não for mais permitido que aqueles que a cultivam dogmatizem desse modo, furtando-se tão evidentemente às obrigações regulares da prova. (Durkheim 1897b: 134-137)

TARDE :

E é por ter pretendido substituir estas explicações metafísicas, ou antes ontológicas, por explicações precisas, retiradas da intimidade da vida social, *relações psíquicas de indivíduo a indivíduo*, que são o próprio elemento infinitesimal mas continuamente integrado da vida social, que eu fui tratado como vago metafísico... pelo Sr. Durkheim! [...] Seja como for, devo constatar da parte do Sr. [Durkheim] um real progresso. Em seu primeiro livro não havia para a teoria da imitação mais do que uma linha desdenhosa em uma nota (veja a *Divisão do trabalho social*). No presente, ele bem pretende lhe consa-

grar todo um capítulo, ou, para dizê-lo melhor, todo um livro, pois, do começo ao fim, todo seu último livro parece dirigido contra mim. (Tarde 1897: 232-233)

DURKHEIM:

[Antes de ser contra você, este livro é a favor da sociologia científica. Nele] nós estabelecemos sucessivamente as proposições seguintes: *o suicídio varia em razão inversa do grau de integração da sociedade religiosa, doméstica, política*. [...] Nós chegamos então a esta conclusão geral: o suicídio varia em razão inversa do grau de integração dos grupos sociais dos quais o indivíduo faz parte. (Durkheim 1897b: 222-223)

TARDE:

Isto é verdadeiro? Isto depende do sentido que se empresta a esta expressão equívoca: o grau de *integração* de uma sociedade. Caso se entenda por isso a quantidade maior ou menor de *densidade* ou de *coesão* de um grupo social, isto é, o número maior ou menor de suas unidades e sua maior ou menor proximidade física, é claro que a proposição acima é contradita pelos fatos. [...] Entretanto, não é neste sentido todo físico [...] que [o Sr. Durkheim] entende a expressão. [...] A integração de que [o Sr. fala] implica um “constrangimento moral” e não somente material. Mas é necessário ser preciso. [...] Chamar isto de *integração* é bastante bizarro vindo da parte de um autor que me censura o emprego que faço [...] da palavra *imitação*. (Tarde 1897: 235-236)

DECANO:

[Vemos agora que o que é questão de imitação para um, é questão de integração para o outro. Mas vocês poderiam nos dizer o que é e o que não é metafórico nesta matéria?]

DURKHEIM:

Não é por metáfora que se diz que cada sociedade humana tem uma disposição mais pronunciada ou menos pronunciada para o suicídio: a expressão se fundamenta na natureza das coisas. Cada grupo social tem por esse ato, realmente, uma inclinação coletiva que lhe é própria e da qual derivam as inclinações individuais, e que não procede destas últimas. (Durkheim 1897b: 336)

TARDE:

Explique isto quem puder. Se [o Sr. pretende] dizer com isso que a *tendência coletiva* existe à parte e sobre todas as *tendências individuais* ao suicídio, trata-se de pura quimera. Se [o Sr. pretende] simplesmente dizer que para cada indivíduo considerado à parte a *tendência* que ele experimenta para o suicídio provém das *tendências próprias ao conjunto dos outros indivíduos* que querem se matar, trata-se de uma adesão a minha Teoria da Imitação. Ora, parece que este último sentido é o verdadeiro. Então [o Sr., Sr. Durkheim,] é meu aluno sem o saber. (Tarde 1897: 246)

DURKHEIM:

O que a constitui são as correntes de egoísmo, de altruísmo ou de anomia que afetam a sociedade considerada, com as tendências à melancolia apática, à renúncia ativa ou à lassidão exasperada que são suas conseqüências. São essas tendências da coletividade que, penetrando os indivíduos, os determinam a se matar. (Durkheim 1897b: 336)

TARDE:

As páginas que terminam o capítulo sobre o suicídio egoísta são belas, de uma poesia metafísica à Schopenhauer, mas não é necessário pressionar. Trata-se de pura mitologia. Vemos aí a sociedade elevada à posição de pessoa, e de pessoa divina. [...] Durkheim é um Bonald ateu, e, por conseqüência, inconseqüente. [...] Ele] nos deixa apenas a escolha entre a tirania da regra, que mutila nossa natureza, que fere nossa liberdade, e o suicídio que suprime nossa existência. *Enclausurar-se* ou *se matar*, não há

meio termo. Lendo-o por muito tempo, tornamo-nos facilmente anarquistas... (Tarde 1897: 237; 244; 247).

DURKHEIM:

[Os fatos sociais] são retratados pela taxa de natalidade, de casamentos, de suicídios, quer dizer, pelo número que se obtém dividindo o total médio anual dos nascimentos, casamentos e mortes voluntárias pelo número de homens na idade de procriar, de se casar, de se suicidar. Como cada um destes números compreende todos os casos individuais indistintamente, as circunstâncias particulares que podem ter tomado parte na produção do fenômeno neutralizam-se mutuamente e, por conseguinte, não contribuem para determiná-lo. O que ele exprime é um certo estado da consciência coletiva. (Durkheim 1894: 9-10)

TARDE:

Em matéria de laços sociais, isto é não reconhecer nada além das relações do senhor ao servo, do professor aos alunos, dos pais aos filhos, sem absolutamente considerar as livres relações dos iguais entre si. E é fechar os olhos para não ver que, nos próprios colégios, a educação que as crianças se dão livremente ao se imitarem umas às outras [...] é bem mais importante que aquela que elas recebem e padecem à força. Só se explica um tal erro atando-o a este outro segundo o qual um fato social, enquanto social, *existe fora de todas as suas manifestações individuais*. Infelizmente, objetivando radicalmente a distinção, ou melhor, a separação integralmente subjetiva do fenômeno coletivo e dos atos particulares que o compõem, o Sr. Durkheim nos lança em plena escolástica. Sociologia não quer dizer ontologia. Tenho muita dificuldade em compreender, confesso, como é possível que, “descartados os indivíduos, resta a sociedade”. [...] Iremos voltar ao *realismo* da Idade Média? Pergunto-me que vantagem há, sob pretexto de depurar a sociologia, em esvaziá-la de todo seu conteúdo psicológico e vivo. Parece que se está em busca de um *princípio social* onde a psicologia absolutamente não entra, expressamente criado para a ciência que se fabrica, e que me parece bem mais quimérico ainda que o antigo *princípio vital*. (Tarde 1895c: 61-62)

DECANO:

[Temos, então, desacordos particularmente nítidos sobre a autonomia da sociologia e sobre o poder de coerção dos fatos sociais, e porque é o realismo que está em jogo, chegamos aqui, parece-me, à grande questão da relação entre as partes e o todo.]

DURKHEIM:

Como a sociedade não é composta senão de indivíduos, o senso comum julga que a vida social não pode ter outro substrato que a consciência individual; sem isso, ela parece solta no ar e pairando no vazio. Entretanto, o que se julga tão facilmente inadmissível quando se trata dos fatos sociais é normalmente admitido nos outros reinos da natureza. Toda vez que ao se combinarem elementos quaisquer produzem, por sua combinação, fenômenos novos, cumpre conceber que esses fenômenos estão situados, não nos elementos, mas no todo formado por sua união. A célula viva nada contém senão partículas minerais, assim como a sociedade nada mais contém além dos indivíduos; no entanto, é evidentemente impossível que os fenômenos característicos da vida residam em átomos de hidrogênio, de oxigênio, de carbono e de azoto. [...] Ela está no todo, não nas partes. [...] Apliquemos esse princípio à sociologia. Se, como nos concedem, essa síntese *sui generis* que constitui toda sociedade produz fenômenos novos, diferentes dos que se passam nas consciências solitárias, cumpre admitir que esses fatos específicos residem na sociedade mesma que os produz, e não em suas partes, isto é, em seus membros. (Durkheim 1901: 21-22)

TARDE:

[Reconheço-o de boa vontade.] Quando se considera uma destas grandes coisas sociais, uma gramática, um código, uma teologia, o espírito individual [é verdade!] parece tão pouca coisa diante destes monumentos que a idéia de ver neles o único construtor destas catedrais gigantescas parece ridícula a certos sociólogos, e, sem se aperceber que assim se renuncia a explicá-los, é perdoável [reconheço-o!] chegar a dizer que estas são obras eminentemente impessoais, - daí é apenas um passo para pretender, com meu eminente adversário, [o Sr.,] Sr. Durkheim, que, longe de serem funções do indivíduo, elas são seus fatores, que elas existem independentemente das pessoas humanas e as governam despoticamente projetando sobre elas sua sombra opressiva. Mas como estas realidades sociais – pois, se eu combato a idéia do organismo social, eu estou longe de contradizer a de certo realismo social, sobre o qual seria necessário se entender – como, eu o repito, estas realidades sociais são feitas? Vejo bem que, uma vez feitas, elas se im-

põem ao indivíduo, algumas raras vezes por constrangimento, mais freqüentemente por persuasão, por sugestão, pelo prazer singular que experimentamos, desde o berço, de nos impregnar de exemplos dos milhares de modelos do ambiente, como criança a sugar o leite de sua mãe. Vejo bem isso, mas como estes monumentos prestigiosos de que falo foram construídos, e por quem, se não foram por homens e esforços humanos? (Tarde 1898: 124-125)

DURKHEIM:

É tão habitual aplicar às coisas sociológicas as formas do pensamento filosófico, que muitos viram nessa definição preliminar uma espécie de filosofia do fato social. Disseram que explicávamos os fenômenos sociais pela coerção, do mesmo modo que o Sr. Tarde os explica pela imitação. Não tínhamos uma tal ambição e não nos ocorreu sequer que pudéssemos atribuí-la a nós, por ser contrária a todo método. O que propúnhamos era não antecipar por uma visão filosófica as conclusões da ciência, mas simplesmente indicar em que sinais anteriores é possível reconhecer os fatos que ela deve examinar, a fim de que o cientista saiba percebê-los onde se encontram e não os confunda com os outros. Tratava-se de delimitar o campo da pesquisa tanto quanto possível, não de se envolver numa espécie de intuição exaustiva. Assim aceitamos de muito bom grado a censura feita a essa definição, de não exprimir todos os caracteres do fato social e, por conseguinte, de não ser a única possível. Não há nada de inconcebível, com efeito, em que o fato social possa ser caracterizado de várias maneiras diferentes; não há razão para que ele tenha apenas uma propriedade distintiva. Tudo o que importa é escolher a que parece a melhor para o objetivo proposto. É bem possível, até, empregar simultaneamente vários critérios, conforme as circunstâncias. Nós mesmos reconhecemos ser às vezes necessário isso em sociologia, pois há casos em que o caráter de coerção não é facilmente reconhecível. O que é preciso, já que se trata de uma definição inicial, é que as características utilizadas sejam imediatamente discerníveis e possam ser percebidas antes da pesquisa. Ora, é essa condição que não cumprem as definições que às vezes opuseram à nossa. (Durkheim 1901: 20-21)

TARDE:

O problema é que a observação é absolutamente contrária a esta hipótese. Aqui, na sociologia, nós temos, por um privilégio singular, o conhecimento íntimo do elemento que é nossa consciência individual assim como do composto que é a reunião das cons-

ciências, e não se pode aqui tomar as palavras pelas coisas. Ora, neste caso constatamos claramente que, descartado o indivíduo, o social não é nada, e que não há nada, absolutamente nada na sociedade que não exista, em estado de fragmento e de repetição contínua, nos indivíduos vivos, ou que não tenha existido nos mortos que os precederam. [...] [De resto,] o que há nas profundezas da molécula química, da célula viva? Nós não sabemos. Ignorando-o, como então podemos afirmar que, logo que estes seres misteriosos se reencontram de certa maneira, ela mesma desconhecida, e fazem aparecer aos nossos olhos fenômenos novos, um organismo, um cérebro, uma consciência, houve, a cada grau vencido desta mística escala, uma aparição brusca, criação *ex nihilo* do que há pouco não existia, mesmo em germe? Não é provável que, se conhecêssemos em sua intimidade estas células, estas moléculas, estes átomos, estas incógnitas do grande problema tão comumente consideradas como dadas, nós encontraríamos simplesmente a exteriorização de fenômenos em aparência criados pelo seu relacionamento e que, presentemente, nos maravilham? Observem o enorme postulado implicado por estas noções correntes sobre as quais se apóia expressamente o Sr. Durkheim para justificar sua quimérica concepção; este postulado é que a simples relação de vários seres pode se tornar ela mesma um novo ser freqüentemente superior aos outros. É curioso [é curioso!] ver espíritos que se vangloriam de ser sobretudo positivos, metódicos, que perseguem por toda parte a própria sombra do misticismo, aferroarem-se a tão fantástica noção. (Tarde 1895a: 75-76)

DURKHEIM:

Um pensamento comum a todas as consciências particulares ou um movimento repetido por todos os indivíduos não são por isso fatos sociais. É tão pouco a repetição que os constitui que eles existem fora dos casos particulares onde eles se realizam. Cada fato social consiste seja em uma crença, seja em uma tendência, seja em uma prática que é aquela do grupo considerado coletivamente e que é uma coisa bem diferente das formas sob as quais ele se refrata nos indivíduos. (Durkheim 1894: 08)

TARDE

Como [uma coisa social] poderia se refratar antes de existir, e como ela poderia existir, falemos de modo inteligível, fora de todos os indivíduos? A verdade é que uma coisa social qualquer [...] se transmite e passa, não do *grupo social considerado coletivamente para o indivíduo*, mas sim de um indivíduo [...] a um outro indivíduo, e que, nesta passagem de um espírito para um outro espírito, ela se refrata. O conjunto destas

refrações, a partir de um impulso inicial devido a um inventor, a um descobridor, a um inovador ou modificador qualquer, anônimo ou ilustre, é toda a realidade de uma coisa social em um momento dado; realidade que vai mudando como toda realidade, por nuances insensíveis; o que não impede que estas variedades individuais liberem uma resultante coletiva, quase constante, que à primeira vista assombra o olhar e dá lugar à ilusão ontológica do Sr. Durkheim. Não há que duvidar, é uma verdadeira ontologia escolástica que o sábio escritor pretende substituir na sociologia a psicologia que ele combate. (Tarde 1895a: 66-67)

DURKHEIM

O único meio de contestar essa proposição seria admitir que um todo é qualitativamente idêntico à soma de suas partes, que um efeito é qualitativamente redutível à soma das causas que o engendraram, o que equivaleria a negar qualquer mudança ou a torná-la inexplicável. Houve quem chegasse, no entanto, a sustentar essa tese extrema, mas para defendê-la só foram encontradas duas razões realmente extraordinárias. Foi dito primeiro que, [eu vos cito, caro colega,] “em sociologia, nós temos, por um privilégio singular, o conhecimento íntimo do elemento que é nossa consciência individual assim como do composto que é a reunião das consciências”; segundo que, por essa dupla introspecção, [você acaba de redizê-lo,] “constatamos claramente que, descartado o individual, o social não é nada”. (Durkheim 1897b: 350-351)

DECANO :

[Creio que compreendemos o que vos separa e que é inútil prosseguir nesta via: vocês absolutamente não se entendem. Mas parece-me que o Sr. Durkheim deve responder a esta grave acusação de “misticismo”, pois a palavra não vos parece demasiado forte? Isto se deve ao modo como cada um de vocês compreende o papel da contingência?]

DURKHEIM :

Para [o Sr.] Tarde [...] todos os fatos sociais são o produto de intervenções individuais, propagadas por imitação. Toda a crença como toda a prática teriam por origem uma idéia original, saída de qualquer cérebro individual. Produzir-se-iam diariamente milhares de invenções deste gênero. Somente, enquanto a maior parte aborta, algumas

há que têm êxito; elas são adotadas pelos outros membros da sociedade, quer seja porque lhes parecem úteis, quer seja porque o seu autor está investido numa autoridade particular que se comunica a tudo o que provém dele. Uma vez generalizada, a invenção deixa de ser um fenômeno individual para se transformar num fenômeno coletivo. Ora, não existem ciências das invenções, tal como [o Sr.] Tarde as concebe; pois elas só são possíveis graças aos inventores, e o inventor, o gênio, é o “acidente supremo”, puro produto do acaso. (Durkheim 1900: 119)

TARDE :

[Inversamente] o Sr. Durkheim poupa-nos estes terríveis quadros. De acordo com ele, nada de guerras, de massacres, de anexações brutais. Tem-se a impressão ao lê-lo que o rio do progresso correu sobre um leito de espuma, sem corredeira nem salto perigoso [...]. Visivelmente, de resto, ele está inclinado a julgar a história em netuniano, não em vulcaniano, a ver por todo lado formações sedimentárias e não erupções ígneas. Ele nada concede ao acidental, ao irracional, esta face mascarada do fundo das coisas, nem mesmo ao acidente do gênio. (Tarde 1893: 187)

DURKHEIM :

Certamente, uma vez conhecido o gênio, podem-se procurar quais são as causas que nele favorecem as combinações mentais de que resultam as idéias novas, e é certamente a isso que [o Sr.] Tarde chama as *leis da invenção*. Mas o fator essencial de qualquer novidade é o próprio gênio, a sua natureza criadora, e ela é produto de causas fortuitas. Por um lado, visto ser nele que se encontra a fonte misteriosa do “rio social”, o acidente está portanto na base dos fenômenos sociais. Não há necessidade absoluta que tal crença ou tal instituição só apareçam em determinado momento da história e em determinado meio social; consoante o acaso faz nascer o inovador mais tarde ou mais cedo, a mesma idéia leva séculos a germinar ou rebenta de vez. Há assim toda uma categoria de invenções que se podem suceder numa ordem qualquer, são as que não se contradizem, mas que, pelo contrário, se entreejudam. [...] Assim, a noção de lei, que Comte tinha finalmente [laboriosamente] conseguido introduzir na esfera dos fenômenos sociais e que os seus sucessores se tinham esforçado por precisar e consolidar, aparece aqui como que obscurecida e velada; e a imaginação, por ser projetada nas coisas, passa a ser admitida ao pensamento. (Durkheim 1900: 132)

TARDE :

[Eu vos cito mais uma vez:] “a causa determinante de um fato social deve ser buscada entre os fatos sociais antecedentes e não entre os estados da consciência individual”. Apliquemos: a causa determinante da rede de nossas estradas de ferro deve ser buscada não nos estados de consciência de Papin, de Watt, de Stephenson e de outros, não na série lógica de concepções e de descobertas que estes grandes espíritos possuem, mas antes na rede de rotas e nos serviços de malas postais que existiam anteriormente. [...] Há um fetiche, um *deus ex machina*, do qual os novos sociólogos fazem uso como de um *abre-te sésamo* toda vez que eles estão embaraçados, e é tempo de assinalar este abuso que realmente se torna inquietante. Este talismã explicativo é o *meio*. [Ah!] Quando esta palavra é solta, tudo é dito. O *meio* é a fórmula para todos os fins cuja ilusória profundidade serve para recobrir o vazio da idéia. Também não deixaram de nos dizer, por exemplo, que a origem de toda evolução social deve ser exclusivamente solicitada às propriedades “do meio social interno”. [...] Quanto a este meio-fantasma que nós invocamos a bel prazer, ao qual emprestamos todo tipo de maravilhosas virtudes para nos dispensar de reconhecer a existência dos gênios reais e realmente benfeitores pelos quais vivemos, nos quais nos movemos, sem os quais nada seríamos, expulsemo-lo o mais rapidamente de nossa ciência. O meio é a nebulosa que, de perto, se resolve em estrelas distintas, de grandezas desiguais. (Tarde 1895a: 78-79)

DECANO :

[Mas então, se eu compreendo bem todos os dois, vocês estão em desacordo não somente sobre o papel da inovação e do gênio na história, mas também sobre a própria questão do que deve ser uma ciência?]

DURKHEIM :

A teoria [do Sr.] Tarde aparece como a própria negação da ciência (Durkheim 1895a: 86-87). Com efeito, ela coloca o irracional e o milagre na base da vida e, por conseguinte, da ciência social. Se adotamos o ponto de vista [do Sr.] Tarde vê-se que os fatos sociais são o resultado, na maior parte dos casos, de causas simplesmente mecânicas, ininteligíveis e estrangeiras a toda finalidade, pois não há nada mais cego do que a imitação. (Durkheim 1895a: 85) Aqui a indeterminação é erigida em princípio. Já não se trata

mais, portanto, da ciência. Já não se trata mesmo desta filosofia metódica que Comte havia tendo instituir; é um modo bem particular de especulação, intermediário entre a filosofia e a literatura, onde algumas idéias teóricas, muito gerais, desfilam por todos os problemas possíveis. (Durkheim & Fauconnet 1903: 479)

TARDE :

Isso não é de modo algum apelar ao mistério, mas sim àquela profunda faculdade, muito pouco apreciada, de afirmar para além do horizonte dos fatos e de não ignorar, pelo menos, o que não se pode conhecer. Se afirmar o desconhecido é utilizar nossa ignorância, negar o desconhecido é ignorar duas vezes. (Tarde 1910: 41) Digamos mesmo que a idéia-mãe do Sr. Durkheim [...] repousa sobre uma pura concepção de seu espírito que ele confundiu com uma sugestão dos fatos. Ela só apresenta, em todo caso, uma verdade bem parcial, bem relativa, bem insuficiente como fundamento único ou principal de uma teoria sociológica. [...] Pode-se então se espantar da confiança que ela inspira ao Sr. Durkheim e da virtude que ele lhe presta de nos conduzir necessariamente a uma Moral e a uma Justiça mais alta ou mais humana. (Tarde 1893: 189)

DURKHEIM :

Como o diz o Sr. Tarde, [...], a origem de nosso diferendo está em outro lugar. Antes de tudo ela está no fato de que eu acredito na ciência e o Sr. Tarde não acredita nela. Pois é não acreditar nela reduzi-la a não ser mais do que uma diversão intelectual, boa para nos ensinar a respeito do que é possível e impossível, mas incapaz de servir à regulamentação positiva da conduta. Se ela não tem outra utilidade prática, ela não vale o que custa. Caso então acredite desarmar assim seus recentes adversários, equivoca-se estranhamente; na verdade se lhe entrega as armas. Sem dúvida, a ciência assim entendida não mais poderá frustrar a expectativa dos homens; mas é que os homens não mais esperarão grande coisa dela. Ela não será mais exposta a ser acusada de falência; mas é que se terá declarado-a perpetuamente menor e incapaz. Não vejo o que ela ganha com isso e o que aí se ganha. Pois o que se coloca desta maneira acima da razão, é a sensação, o instinto, a paixão, todas as partes baixas e obscuras de nós mesmos. Que nos sirvamos disso quando não podemos fazer de outro modo, nada melhor. Mas quando aí vemos outra coisa que não algo provisório que paulatinamente deve ceder lugar à ciência, quando lhe atribuímos uma preeminência qualquer, mesmo quando não há franca referência a uma fé revelada, somos teoricamente místicos mais ou menos conseqüentes. Ora, o mis-

ticismo é o reino da anarquia na ordem prática porque é o reino da fantasia na ordem intelectual. (Durkheim 1895b: 523)

TARDE :

É demandando à ciência mais do que ela pode dar, é em lhe emprestando direitos que ultrapassam seu alcance, já muito vasto, que é possível acreditar em sua pretensa falha. A ciência jamais falhou às suas promessas verdadeiras, mas tem circulado sob seu nome uma multidão de notas promissórias com sua falsa assinatura e que ela é incapaz de pagar. É inútil aumentar seu número. (Tarde 1895b: 162)

DURKHEIM :

Em presença dos resultados aos quais chegou até o momento a história comparada das instituições, não é possível negar pura e simplesmente a possibilidade de um estudo científico das sociedades; o Sr. Tarde, além disso, entende fazer ele mesmo uma sociologia. Só que ele a concebe de uma maneira tal que ela cessa de ser uma ciência propriamente dita para se tornar uma forma muito particular de especulação onde a imaginação desempenha um papel preponderante, onde o pensamento não se considera submetido nem às obrigações regulares da prova nem ao controle dos fatos. (Durkheim 1900: 130-131)

TARDE :

O Sr. Durkheim crê honrar a ciência lhe emprestando o poder de governar soberanamente a vontade, isto é de não apenas lhe indicar os meios mais adequados para alcançar seu fim dominante, mas ainda de lhe demandar sua orientação em direção à estrela polar da conduta. (Tarde 1895b: 161-162) Se eu tivesse que formular uma máxima a este respeito, ela de algum modo estaria relacionada não só às condições intelectuais requeridas pela descoberta da verdade, mas também às morais. Um pouco de modéstia e de simplicidade digna cabe a uma ciência adolescente como a um jovem homem que entra na vida; ela deve evitar o tom doutrinário e o jargão de escola. É necessário então lhe fornecer uma disposição de espírito benevolente e familiar e, também e antes de tudo, o amor vivo e alegre pelo tema. [...] A primeira condição para ser sociólogo é amar a vida social, simpatizar com os homens de todas as raças e de todos os países reunidos em tor-

no de um lar, buscar com curiosidade, descobrir com prazer o que há de devoção afetuosa na cabana do mais feroz dos selvagens, às vezes mesmo covil de vilão; enfim, de jamais crer facilmente na estupidez, na absoluta malícia do homem em seu passado, nem em sua perversidade presente, e de jamais se desesperar quanto ao seu futuro. (Tarde 1895a: 94)

DURKHEIM:

O Sr. Tarde confunde [...] questões diferentes, e [eu me] recuso a dizer qualquer coisa sobre um problema [...] que não tem nada a fazer na discussão. (Durkheim 1903: 165)

DECANO:

[Creio que podemos parar por aqui. Lembro que este debate contraditório entre nossos dois eminentes colegas serviu de introdução ao curso de sociologia da École des hautes études sociales durante o qual os alunos terão várias ocasiões para discutir os pressupostos. Creio que é chegado o momento de vivamente agradecer a nossos oradores].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DURKHEIM, Émile. 1894. *Les Règles de la méthode sociologique*. Paris: PUF [2005]. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes [2003].
- DURKHEIM, Émile. 1895a. «L'état actuel des études sociologiques en France». In : E. Durkheim. *Textes 1: éléments d'une théorie sociale*. Paris: Minuit [1975]: 73-108.
- DURKHEIM, Émile. 1895b. «Crime et santé sociale». *Revue philosophique*, 39: 518-523.
- DURKHEIM, Émile. 1897a. «Préface». *Le Suicide – étude de sociologie*. Paris: Félix Alcan.
- DURKHEIM, Émile. 1897b. *Le Suicide – étude de sociologie*. Paris: PUF [1986]. *O Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes [2004].
- DURKHEIM, Émile. 1900. «La Sociologie en France au XIXe siècle». *La Science Sociale et l'Action*. Paris: PUF [1987]: 111-136. *A ciência social e a acção*. Lisboa: Livraria Bertrand. [1975].
- DURKHEIM, Émile. 1901. «Préface de la seconde édition». *Les Règles de la méthode sociologique*. Paris: PUF [2005].
- DURKHEIM, Émile. 1903. «La Sociologie et les sciences sociales [confrontation avec Tarde]». *Textes 1: éléments d'une théorie sociale*. Paris: Minuit [1975]: 161-165.
- DURKHEIM, Émile e FAUCONNET, Paul. 1903. «Sociologie et sciences sociales». *Revue philosophique*, 55: 465-497.
- PAULAN, Jean; TARDE, Guillaume de. 1980. *Correspondance Jean Paulhan Guillaume de Tarde 1904-1920*. Paris: Gallimard.
- TARDE, Gabriel. 1890. *Les Lois de l'Imitation*. Paris: Éditions Kimé. [1993]. *As Leis da Imitação*, Porto: Rés-Editora [s/d].
- TARDE, Gabriel. 1893. «Questions sociales». *Essais et mélanges sociologiques*. Paris: Félix Alcan [1895]: 175-210.
- TARDE, Gabriel. 1895a. «Les Deux éléments de la sociologie». *Études de psychologie sociale*. Paris: Giard et Brière: 63-94.
- TARDE, Gabriel. 1895b. «Criminalité et santé sociale». *Revue philosophique*, 39: 148-162.
- TARDE, Gabriel. 1895c. *La Logique Sociale*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond [1999].
- TARDE, Gabriel. 1897. «Contre Durkheim à propos de son Suicide». In: Borlandi, M. et Cherkaoui, M. (org.). *Le suicide – un siècle après Durkheim*. Paris: PUF [2000] : 219-255
- TARDE, Gabriel. 1898. *Les Lois sociales - esquisse d'une sociologie*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond [1999].
- TARDE, Gabriel. 1902. *La Psychologie Économique*. Paris: Félix Alcan. Vol. 1

- TARDE, Gabriel. 1903. «La Sociologie et les sciences sociales [confrontation avec Tarde]»
In: E. Durkheim. *Textes 1: éléments d'une théorie sociale*. Paris: Minuit [1975]: 161-165.
- TARDE, Gabriel. 1910. «Les Possibles: fragment d'un ouvrage de jeunesse inédit». *Archives d'Anthropologie Criminelle*, 25: 8-41. “Os Possíveis”. In. G. Tarde. *Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify [2007]

THE DEBATE BETWEEN TARDE AND DURKHEIM

ABSTRACT

A momentous debate concerning the nature of sociology and its relation to other sciences took place between Gabriel Tarde and Émile Durkheim at the École des Hautes Études Sociales in 1903. Unfortunately the only available record of the event is a brief overview published in French under the title “La Sociologie et les sciences sociales [confrontation avec Tarde]” (Tarde 1903, Durkheim 1903). The present recension of the debate, therefore, is based on a script consisting of quotations from the works of Gabriel Tarde and Émile Durkheim, arranged to form a dialogue. All text, save that in square brackets, consists of quotations from published works by Émile Durkheim and Gabriel Tarde.

KEYWORDS

Gabriel Tarde, Émile Durkheim, sociology, social theory, controversy.

SOBRE OS AUTORES

EDUARDO VIANA VARGAS

Professor associado de antropologia da UFMG, onde coordena o Laboratório de Antropologia das Controvérsias Sociotécnicas (LACS). Entre outros trabalhos publicou *Antes Tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais* (Contra Capa) e organizou a coletânea de textos de Gabriel Tarde intitulada *Monadologia e Sociologia e outros ensaios* (Cosac Naify).

Contato: evargas@ufmg.br

BRUNO LATOUR

Antropólogo, sociólogo e filósofo francês, é professor da Science Po, Paris, e da London School of Economics, Londres. Pioneiro dos estudos sociais da ciência e tecnologia, é um dos principais proponentes da Actor Network Theory (Teoria do Ator-Rede). É autor de inúmeros livros publicados em mais de 20 países, entre os quais se contam *Jamais Fomos Modernos* (34 Letras), *Reagregando o Social* (EDU-FBA), *Ciência em Ação* (UNESP), *A Esperança de Pandora* (EDUSC), *Pequena Reflexão sobre o culto moderno dos deuses feitiços* (EDUSC), *Políticas da Natureza* (EDUSC) e, mais recentemente, *Enquête sur les modes d'existence : Une anthropologie des Modernes* (La Decouvert). Foi, com Peter Weibel, curador das exposições *Iconoclash, beyond the image wars in science, religion and art*, e *Making Things Public, the atmospheres of democracy*.

Contato: www.bruno-latour.fr/contact

BRUNO KARSENTI

Filósofo e sociólogo francês, foi professor da Université de Paris 1 - Panthéon-Sorbonne e hoje atua na École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris. Entre os vários trabalhos que escreveu destacou-se *D'une philosophie à l'autre. Les sciences sociales et la politique des modernes* (Gallimard), *La société en personnes. Études durkheimiennes* (Economica), *Politique de l'esprit: Augste Comte et la*

naissance de la science sociales (Hermann) e Marcel Mauss. *Le fait social total* (PUF).

Contato : exodes@club-internet.fr

FRÉDÉRIQUE AÏT-TOUATI

Professora de literatura francesa no St. John´s College da University of Oxford e professora associada da Science Po. Escreveu *Fictions of the Cosmos: Science and Literature in the Seventeenth Century* (University of Chicago Press) que lhe rendeu o Scaglione Prize concedido pela Modern Language Association of America. Co-editou com Anne Duprat o livro *Histoires et saviors* (Peter Lang) e, com Stephen Goukroger, *Le Monde en Images* (Garnier). Contato : frederique.ait-touati@sjc.ox.ac.uk

LOUISE SALMON

Doutoranda do Centre d'histoire du XIXe siècle da Université Paris I Panthéon-Sorbonne, onde prepara tese sobre Gabriel Tarde. Publicou *Le Laboratoire de Gabriel Tarde* (CNRS Éditions) e, com Jacqueline Carroy, a coletânea de textos inéditos de Gabriel Tarde intitulada *Sur le sommeil ou plutôt sur les rêves, et autres écrits, 1870-1873* (Éditions BHMS). Contato: salmon.louise@gmail.com